

Enviado por Marlene Lucia Siebert Sapelli

Livro: Escola e Democracia

Autor Dermeval Saviani

Editora Autores Associados

Resumo:

CAPÍTULO I – AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO E PROBLEMA DA MARGINALIDADE

1. O problema

1970 – 50% das crianças do ensino primário na América Latina abandonavam a Escola

Dois grupos de teorias:

a) o primeiro grupo via a educação como instrumento de equalização social, de superação da marginalidade; sociedade harmoniosa, escola força homogeneizadora, parecia que a educação tinha autonomia em relação à sociedade, contribuía para a construção de uma sociedade igualitária. Este primeiro grupo era composto pelas teorias não críticas, como se a educação pudesse ser compreendida a partir dela mesma. Para este grupo a causa da marginalidade é a ignorância.

b) O segundo grupo de teorias via a educação como instrumento de discriminação social, fator de marginalidade. O segundo grupo compreende a marginalidade como fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade, assim sendo, a educação é entendida como totalmente dependente da estrutura social, por isso reforça e reproduz a sociedade, legitimando a marginalização.. Fazem parte deste grupo as teorias críticas ou crítico-reprodutivistas. Para elas a educação tem condicionantes objetivos.

2. Teorias não críticas:

A) Tradicional

- marginalidade é fruto da ignorância
- difundir instrução para combater marginalidade
- escola, agência centrada no professor, professor ensina aluno aprende
- alunos devem realizar atividades disciplinadamente
- o importante é **aprender**

B) Escola Nova:

- marginalidade não é fruto da ignorância mas da rejeição (marginalizados são os anormais, desajustados ou inadaptados)
- assim sendo é função da escola atender diferentemente cada um de acordo com suas diferenças individuais para que possa se tornar um sujeito adaptado e não marginalizado
- do aspecto lógico para o aspecto psicológico; questão pedagógica do intelecto para questão do sentimento; conteúdos para métodos (aprender fazendo); do professor para o aluno; do diretismo para o não diretismo; da pedagogia sustentada pela filosofia para a pedagogia sustentada pela biologia e psicologia;
- o importante é **aprender a aprender**;
- professor estimulador e facilitador da aprendizagem;
- atender interesses dos alunos
- ambiente deve ser estimulante
- afrouxamento da disciplina e esvaziamento do conteúdo

C) Escola Tecnicista:

- marginalizado não é nem o ignorante, nem o diferente, mas o incompetente. Assim sendo, a escola deve torna-lo competente para não ser marginalizado;
- aparente neutralidade científica;
- princípios de racionalidade, eficiência e produtividade
- o trabalhador deve ser ajustado ao ambiente do trabalho
- buscou-se dotar a educação de uma organização racional capaz de torná-la eficiente
- ex. telensino, instrução programada..

- separa o planejar do executar : os especialistas planejam e professor/aluno executam; os especialistas são supostamente neutros, objetivos, imparciais
- formar indivíduos eficientes e autônomos
- base: psicologia behaviorista
- **aprender a fazer**
- controle burocrático (fichas, relatórios)
- altos índices de evasão e repetência
- havia inclusive interesses para a venda de artefatos tecnológicos: materiais, computadores...

3. Teorias crítico-reprodutivistas:

A) Teoria do sistema de ensino como violência simbólica:

- Bourdieu e Passeron na obra “ A reprodução: elementos para uma teoria dos sistema de ensino”
- Através da força simbólica, reforçar as relações da força material
- Escola legítima e naturaliza o poder, a dominação econômica de uns sobre outros
- Ex. formação de opinião pública pelos meios de comunicação, pregação religiosa, arte, literatura, família, escola.
- Pela reprodução cultural há a reprodução das desigualdades sociais
- Marginalizados aqui são os grupos ou classes dominadas
- Viés cultural, relativiza a questão da luta de classes

B) Teoria da escola como aparelho ideológico de Estado

- Althusser
- São aparelhos ideológicos do Estado: igreja, família, jurídico, político, sindical, da informação, cultural
- Uns repressivos outros ideológicos
- Os saberes escolares estão repletos da ideologia da classe dominante
- Marginalizada é a classe trabalhadora
- Enfatiza luta de classes

C) Teoria da Escola dualista:

- Baudelot e Establet na obra “L’École Capitaliste em France”
- Uma escola para a burguesia e outra para o proletariado: rede secundária superior e rede primária profissionalizante
- Duas funções: formação da força do trabalho e inculcação da ideologia da classe dominante para impedir o desenvolvimento da luta de classes

Obs. As teorias não crítica apresentam modo pedagógico de ser e as outras são uma análise deste modo pedagógico de ser da Escola.

4. Para uma teoria crítica da Educação:

- As teorias crítico-reprodutivistas consideram que a escola não poderia ser diferente do que é
- Teorias não críticas dizem que escola resolve problema da marginalidade e as crítico-reprodutivistas dizem que não e explicam porque..As duas ignoram a história. A primeira porque nega as contradições sociais a segunda porque considera que tudo é determinado.
- A Escola tem determinantes sociais, mas, seria possível articular uma escola com os interesses dos dominados? É possível uma Escola que contribua criticamente para a superação da marginalidade?
- Nesta perspectiva a Escola seria uma instrumento de luta se buscasse superar a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares.

5. Post-scriptum

- educação compensatória não é considerada pelo autor como uma teoria da educação. Educação compensatória é instruir para compensar as diferenças de condição social. A pré escola tem este caráter quando parece preparar as crianças para entrar na 1ª. série nas mesmas condições

CAPÍTULO II – ESCOLA E DEMOCRACIA I – A TEORIA DA CURVATURA DA VARA

- Atividades meio (organização interna, papéis e funções); atividades-fim – objetivos da educação. O autor preferiu analisar a escola a partir das atividades-fim.

- três teses(todas de caráter político, mas a primeira de caráter filosófico-histórico, a segunda de caráter pedagógico-metodológico): a) do caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência; b) caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos; c) quando se falou de democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola e quando menos se falou de democracia mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática.

- Conseqüências destas teses:

1. **O homem livre:** na antiguidade os escravos não eram considerados humanos, portanto não tinham essência humana. A partir da idade média, pela análise da criação divina, todos têm essência humana, então todos nascem iguais e livres . As desigualdades são geradas pela sociedade. Essa idéia justifica substituir uma sociedade com base num suposto direito natural por uma sociedade contratual (derrubada do absolutismo pela burguesia). Se somos iguais e livres podemos escolher. Na Pedagogia isto se dá da seguinte forma: escolarizar todos já que são iguais. Posso através da escola converter o servo em cidadão...Concluindo: se nascemos iguais e tornamo-nos diferentes na sociedade a instrução é uma forma de igualar novamente as condições das pessoas nesta sociedade, garantindo a realização da essência humana para todos

2. A mudança de interesses:

- A burguesia proclamou esta questão da essência mas quando tornou-se classe hegemônica, passou então a propor a pedagogia da existência, ou seja, os homens não são iguais, uns aprendem mais devagar, outros têm mais capacidade. A pedagogia da existência tem caráter reacionário porque contrapõe-se ao movimento de libertação da humanidade.

3. A falsa crença da Escola Nova:

- A Escola Tradicional estava pautada no método de Herbart que tinha cinco passos (preparação, apresentação, comparação e assimilação, generalização, aplicação)¹ que estava pautado no método científico indutivo de Bacon (empirista) que tinha três passos (observação, generalização e confirmação).

4. Ensino não é pesquisa:

- A Escola nova buscou articular o ensino com o processo de pesquisa, Assim seus passos são: ensino seria uma atividade que suscita determinado problema, que provoca levantamento de dados, a partir do qual são levantadas hipóteses, faz-se a experimentação para confirmar ou não as hipóteses.

- Se a escola tradicional se propunha a socializar os conhecimentos obtidos pela ciência, já compendiados, sistematizados, a escola nova reforça os processos de obtenção do conhecimento.

- Desta forma, a escola nova empobrece o ensino e inviabiliza a pesquisa. (daí porque o autor usou o termo pseudo-científico para a escola nova)

- a pesquisa deveria promover o confronto do conhecido e desconhecido. O Ensino torna algo conhecido. Não há, portanto pesquisa sem ensino, ou seja, ninguém chega a ser pesquisador se não conhece o que já foi produzido na área que pretende pesquisar. Os escolanovistas deviam ter lá suas intenções.....

5. A Escola Nova não é democrática

- a primeira prova de não democracia é que este modelo de escola não era para todos, só para a elite. Quando a burguesia criou a escola ela tinha sim a intenção de democratizar o conhecimento, ou seja, quando não falou em democracia estava preocupada com ela, quando falou sobre ela negou-a

6. Escola Nova: a hegemonia da classe dominante:

- 1930: movimento dos Pioneiros da Educação; 1924 é fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE); 1932 Manifesto dos Pioneiros da Educação; movimento escolanovista no Brasil que teve seu auge nos anos 60 mas é substituída pelo tecnicismo; 1920 (década de crise das oligarquias, decadência da política café com leite) entusiasmo pela educação (todos na escola) e 1930 otimismo pedagógico (mudança nos métodos), ou seja, modernizar a escola para impor a hegemonia da classe dominante e não para atender aos interesses das classes operárias. Movimentos anarquistas que propõem um outro modelo de escola se fortalecem...

¹ Preparação: recordação da lição anterior; apresentação: coloca-se o aluno diante de um conhecimento novo; comparação e assimilação: aprender comparando o novo com o velho. Estes três passos, segundo o autor correspondem ao passo da Observação. Generalizar significa que o aluno aprendeu e pode relaciona-lo com outros fenômenos. Depois o aluno aplica, isto é, verificar por meio de exemplos novos se assimilou o novo conhecimento, isto corresponde ao momento da confirmação no método de Bacon.

- 1971 – reforma 5692 – terminalidade legal e real : para uns o conteúdo é dado em oito anos para outros em quatro (aligeiramento de ensino para as classes populares)²; outro ponto que o autor enfatiza é a adoção da organização curricular em forma de atividades e áreas de estudo que de certa forma diluem o conteúdo...

- o autor conclui estas questões dizendo que: seria preciso dar prioridade ao conteúdo, principalmente quando se trata de classes populares. O acesso ao conhecimento poderia ser um dos instrumentos para a superação da sociedade de classes: **o dominado não se liberta se não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam..**

- ação política do professor: instrumentalizar as classes populares; somos reacionários quando negamos isto pois reforçamos a estrutura que já está posta

- para dominar conteúdos a disciplina é importante

Teoria da curvatura da vara: escola tradicional curvou para um lado, a escola nova para outro.. isto significa que nem uma nem outra faz com que a vara atinja o ponto certo mas a pedagogia revolucionária que priorize a valorização dos conteúdos que sejam instrumentos para que as classes populares possam fazer parte, assim como a Escola, da construção de uma nova sociedade.

CAPÍTULO III – ESCOLA E DEMOCRACIA II – PARA ALÉM DA CURVATURA DA VARA

- O autor retoma as três teses comentadas anteriormente.

- assim como para endireitar a vara não é suficiente coloca-la na posição correta, mas é necessário curv-la para o outro lado, assim, também no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os erros sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum. É necessário mostrar a falsidade daquilo que obviamente é mostrado como verdadeiro.

- quando o autor, nos capítulos anteriores faz a defesa da escola tradicional é com esta intenção, curvar a vara para o lado oposto e apontar para a pedagogia revolucionária.

1. Pedagogia Nova e Pedagogia da Existência:

- tal concepção centra-se na vida, na existência, na atividade (nem no intelecto, nem na essência, nem no conhecimento); inspirada na filosofia do pragmatismo

2. Para além das pedagogias da essência e da existência:

- nem uma, nem outra; falta-lhes a consciência dos condicionantes histórico-sociais da educação; são ingênuas; ambas entendem a escola como salvadora da humanidade

- é necessário pressionar para que a igualdade formal se torne em igualdade real; garantir conteúdos nesta perspectiva, é essencial.

- a dinâmica e o pragmatismo da escola nova se contrapõem aos métodos mecânicos, artificiais da escola tradicional, justificando assim o esvaziamento do conteúdo. A pedagogia revolucionária considera a difusão dos conteúdos vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo.; a pedagogia revolucionária é crítica. A pedagogia revolucionária sabe-se determinada pela sociedade mas ao mesmo tempo se coloca a serviço da contra hegemonia.

3. Para além dos métodos novos e tradicionais

- A Escola Nova critica a escola tradicional por causa dos seus métodos mecânicos e repetitivos. Com isto, ao adotar novos métodos, afrouxou a disciplina e esvaziou o conteúdo.

- No Brasil houve uma tentativa de consolidar um Escola Nova Popular com o modelo Paulo Freire (existencialismo cristão). A diferença é que P Freire colocou seus princípios em favor das classes populares enquanto que os escolanovistas colocaram-se a serviço da elite (porque era um modelo caro: poucos alunos por sala, mais materiais, maior duração da jornada escolar)

- No outro extremo estão aqueles que defendem a desescolarização

- **Uma terceira opção seria uma Escola onde se estabeleça relação entre educação e sociedade; professor e alunos são tomados como agentes sociais e que podem ter posições bem diferentes;**

- **1.O ponto de partida seria a prática social, depois a 2.problemática (levantar questões da prática social e que conteúdos devem ser ensinados), aí a 3.assimilação ou instrumentalização (ferramentas culturais necessárias à luta social); 4.catarse, 5. prática social (PEDAGOGIA REVOLUCIONÁRIA)**

² O autor brinca e diz que o capitalismo é bem evangélico: “ ao que tem lhe será dado, e ao que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado”!!!!

- devemos lutar no campo da pedagogia para fazer valer os interesses das classes não dominantes.

4. Para além da relação autoritária ou democrática na sala de aula

- a relação pedagógica tem na prática social o seu ponto de partida, ou seja, geralmente reflete as relações de poder da sociedade
- não se trata de alterar as relações dentro da escolas mas de articula-las com o processo de democratização da sociedade

5. Conclusão: a contribuição do professor

- os professores devem se submeter a uma crítica impiedosa à luz da prática que desenvolvem
- professor devem construir os instrumentos culturais necessários para a luta; deve socializar todo conhecimento produzido historicamente pelos homens

CAPÍTULO IV – ONZE TESES SOBRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA

- educação e política são distintas mas inseparáveis. A educação trabalha com não antagônicos, a política trabalha com antagônicos; Na educação o objetivo é convencer, na política é vencer

- onze teses:

1. não existe identidade entre educação e política;
2. toda prática educativa contém inevitavelmente uma dimensão política;
3. toda prática política contém inevitavelmente uma dimensão educativa;
4. a explicitação da dimensão política da prática educativa está condicionada à explicitação da especificidade de prática educativa (que função tem a educação?)
5. a explicitação da dimensão educativa da prática política, por sua vez, condicionada à explicitação da especificidade da prática política (a que interesses destina-se?)
6. a especificidade da prática educativa define-se pelo caráter de uma relação que se trava entre contrários não antagônicos (professor e alunos não são antagônicos)
7. A especificidade da prática política define-se pelo caráter de uma relação que se trava entre contrários antagônicos (classes em conflito)
8. as relações entre educação e política dão-se na forma de autonomia relativa e dependência recíproca
9. as sociedades de classe caracterizam-se pelo primado da política, o que determina a subordinação real da educação á prática política
10. superada a sociedade de classes, cessa o primado da política e, em consequência, a subordinação da educação.
11. a função política da educação cumpre-se na medida em que ela se realiza como prática pedagógica

- a educação é sempre um ato político? O autor só aceita esta afirmação em duas situações:

- a) quando o adjetivo político é usado em sentido amplo considerando então todo ato humano como político
- b) na medida em que se pretende evidenciar a dimensão política da educação.